**NARRATIVAS DE MÃES UNIVERSITÁRIAS NO CIBERESPAÇO:   
A CONSTITUIÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA-RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CIBERCULTURA**

Mithaly Salgado Corrêa[[1]](#footnote-1) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

**Resumo**

A pesquisa, em fase inicial, investiga as estratégias de permanência-resistência de discentes mães universitárias que se organizam em/nas redes através de movimentos materno-universitários. Esses movimentos atuam nas mídias digitais publicizando narrativas sobre as violências enfrentadas por mães nos espaços universitários, mobilizando ações culturais, políticas e formativas e discutindo estratégias de resistência para a construção de políticas que promovam a permanência de mães na educação universitária. Operando através da cartografia *online* e com o objetivo de mapear as narrativas produzidas com/pelas mães que participam dos movimentos materno-universitários nas universidades do estado do Rio de Janeiro, a pesquisa está ancorada em aportes pós-estruturalistas e adota a interseccionalidade como ferramenta analítica. Os principais conceitos que subsidiam a investigação são cibercultura, gênero e maternidade.

**Palavras-chave:** cibercultura, maternidade, estratégias de resistência, educação.

**1. O ciberespaço como palco de luta**

A exclusão das mulheres na educação institucional no Brasil, firmada por quatro séculos de diferença em relação aos homens, só foi repensada na primeira metade do século XIX, com o surgimento das primeiras instituições voltadas para a educação feminina. No entanto, seus currículos enfatizavam uma educação com sistemático conteúdo moral e religioso, visando fortalecer o papel social das mulheres como mães e esposas (Beltrão; Alves, 2009). Antes desse marco, os discursos sexistas desenharam um contínuo processo de separação entre as mulheres e o conhecimento formal, acrescidos ainda dos marcadores de raça e classe, que juntos operavam um não lugar para a possibilidade dessa inclusão.

Apesar de atualmente meninas e mulheres estarem incluídas em todos os níveis educacionais, ainda há uma profunda violência sendo produzida e reiterada cotidianamente contra esse grupo social, por isso é fundamental refletir sobre a relação entre maternidade e universidade, desenvolvendo uma abordagem que considere suas particularidades (Mata, 2022). Louro (2001) acrescenta que as instituições e as práticas sociais são *generificadas*, sendo moldadas pelas relações de gênero. Esse cenário histórico e institucional vai ao encontro de reivindicações construídas por movimentos estudantis que promovem uma análise contínua de suas experiências intrainstitucionais.

Organizados nas redes sociais, especialmente em páginas no Instagram e grupos no WhatsApp, esses movimentos atuam no ciberespaço, desenvolvendo estratégias de resistência, ações culturais, políticas e formativas. Eles interagem, criam redes, compartilham informações, denunciam e produzem conteúdos acerca da temática da maternidade na universidade. Segundo Couto Junior, Velloso e Santos (2020), é evidente a influência dos movimentos que emergem espontaneamente nas redes, fomentando práticas de ciberativismo em tempos de cibercultura. As redes sociais auxiliam nessas práticas, pois oferecem um amplo potencial interativo e comunicativo, contribuindo para a expansão dos debates sociopolíticos atuais. Ademais, artefatos tecnológicos, como os *smartphones*, potencializam essas interações e desempenham um papel crucial nas mudanças sociais, especialmente no que tange à maneira como informações são produzidas e disseminadas no ciberespaço (Teixeira; Soares; Couto Junior, 2024).

O contexto acima apresentado é parte de uma pesquisa de mestrado em fase inicial de desenvolvimento que propõe investigar as estratégias de permanência-resistência de mães que se organizam em/nas redes através de movimentos materno-universitários. A seguir, discuto com mais densidade minha aposta pela cartografia *online*, apresento meu primeiro contato com o campo de pesquisa e, a título de conclusão, indico alguns caminhos possíveis a partir dos primeiros contatos com as sujeitas.

**2. Cartografia *online* e a pesquisa na cibercultura**

Metodologicamente, venho operando com a cartografia *online*, entendendo-a como“uma abordagem analítico-crítica das micropolíticas das formações subjetivas” que “permite acompanhar dispositivos, conjuntos e microssistemas coletivos de subjetivação”(Carvalho; Pocahy, 2023, p. 176-177). Fundamentada em aportes pós-estruturalistas, essa pesquisa se propõe a abandonar significados e conceitos rígidos, bem como abordagens teóricas prescritivas e explicativas. Alinho-me com essa perspectiva visando questionar o que é apresentado como verdade, colocando em foco a análise das relações de poder e reconhecendo o caráter histórico e social que envolve o contexto das lutas dos movimentos investigados (Meyer, 2014). Busco, portanto, problematizar e desnaturalizar determinados discursos e práticas que, historicamente, vêm construindo uma das categorias centrais deste estudo: a maternidade. Dessa forma, procuro conhecer as estratégias de resistência criadas por mães universitárias que atuam em/nas redes e que buscam, a partir dos seus agenciamentos, subverter normas que interditam seus corpos.

Entendo que a cartografia *online* permite acompanhar a constituição de redes, processos educativos, agenciamentos, formas de subjetivação e de constituição de subjetividades (Carvalho; Pocahy, 2023). Dessa forma, cartografar as diversas narrativas que cercam a experiência das sujeitas que compõem os movimentos investigados, em tempos de cibercultura, permite analisar como elas constituem suas realidades e nomeiam suas histórias através das narrativas escritas e orais. A cartografia *online*, portanto, possibilita a aproximação com as experiências e vivências narradas por mães integrantes dos movimentos materno-universitários no ciberespaço, produzindo dados que contribuem para análises – ainda que provisórias – sobre esses movimentos, suas conexões, seus contextos e estratégias de permanência-resistência.

**3. Primeiros contatos com o campo de pesquisa**

Diante do incômodo da minha própria experiência como mãe universitária, busquei conhecer as vivências e estratégias de resistência de outras mães através da pesquisa narrativa. As narrativas implicam em reconhecer a linguagem como um lugar de disputa e reconhecer os diversos apagamentos e silenciamentos impostos às pessoas (Souza, 2023). Narrar está intimamente ligado a premissas decoloniais (Yedaide; Porta, 2023), ao passo que, ao nomearmos nossas histórias e estabelecermos nossas identidades, não somos descritas por outros, mas por nós mesmas, nos colocamos como sujeitas (Kilomba, 2019); nesse movimento, entendo que o conhecimento não é somente situado, mas também corporificado (Haraway, 1995). Estar à espreita e me permitir afetar (Silva; Paraíso, 2023) pelas experiências narradas por essas sujeitas, portanto, constituem o primeiro passo da minha pesquisa.

Meu percurso cartográfico em/na rede vem sendo trilhado desde março de 2024, com minha participação em grupos *online* organizados por movimentos   
materno-universitários. Nesses grupos, compostos por mães universitárias e pesquisadoras de diversas partes do Brasil, narrativas emergem entre debates teóricos e rodas de conversa. Me afetei especialmente por algumas dessas narrativas, como a de uma mãe imigrante do Peru, que diz ter *“buscado construir redes de apoio no Brasil”.* Nas palavras dela, *“engravidei de forma não planejada na graduação, somente quem passou pela gravidez na graduação entende a barra que é. Sou mulher, mãe solo e racializada, por isso minha maternidade se dá de uma maneira muito específica”*. Já outra mãe relata: *“Sinto necessidade de embasamento teórico, entendo as instituições como lugares de exclusão de mães. O que me move são as trocas e a vontade de realizar um furo nesse sistema do saber”*. Através dessas e de outras narrativas, observa-se que   
a maternidade é atravessada por diversos marcadores sociais, como a raça e a localidade geográfica, e que a teoria pode ser um caminho estratégico para a apreensão das relações de poder que incidem sobre mães nos espaços universitários; além disso, identifica-se a importância da constituição de redes/trocas nas trajetórias educacionais dessas mulheres.

**4. Conclusões preliminares**

Com base nas reflexões apresentadas e na análise das primeiras narrativas cartografadas, identifiquei que as narrativas feitas por mães universitárias podem ser divididas em três categorias analíticas. A primeira delas denomino de *Narrativas de Vida*, que visa abordar as narrativas acerca das vivências dessas mães em seu sentido mais amplo. A segunda, que denomino de *Narrativas de Resistência,* aborda as narrativas que envolvem estratégias de resistência frente às relações de poder e as institucionalidades, especialmente no espaço universitário. A terceira categoria intitulei de *Narrativas de Afeto*, e aborda as narrativas acerca dos afetos e acontecimentos que emergem   
a partir das conexões engendradas na luta coletiva. As narrativas compartilhadas por mães nos grupos *online* comumente atravessam esses três eixos, não versando somente sobre as interdições que enfrentam, apesar de serem comuns. A análise cartográfica preliminar dos relatos de mães universitárias, portanto, identifica a) opressões – e suas intersecções com marcadores sociais; b) relações de poder; c) estratégias de permanência-resistência; e, por fim, d) revela a existência de uma complexa rede de solidariedade-afeto e resistência engendrada por esses movimentos no ciberespaço.

**Referências**

ARAGÃO, M; KREUTZ, L. **Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações**. Conjectura, Caxias do Sul, v.15, n.3, p. 110, dez. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3K9jE9c>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. **A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX**. In: Cadernos de Pesquisa, v. 39, p. 125–156, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/3QVKh5l>>. Acesso em: 24 fev. 2023.

CARVALHO, F.; POCAHY, F. **Cibercartografia: uma abordagem ético-epistêmico-metodológica na cibercultura.** In: OSWALD, M. L; et al (Orgs). *Metodologias de Pesquisa online: investigando em/na rede com o outro*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023, p. 175-203.

COUTO JUNIOR, D. R.; VELLOSO, L.; SANTOS, R. dos. **Os movimentos ciberativistas de (re)existência nas redes sociais e suas implicações para a educação**. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 60, p. 91-108, jan./mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2weX6Bj>>. Acesso em: 19 mai. 2024.

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em:<<https://bit.ly/4aoYEpH>>. Acesso em: 19 mai. 2024.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de

Janeiro: Cobogó, 2019.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 184 p.

MATA, G. C. Da. **Quem pode ser mãe: maternidade, produção de conhecimento, escolhas (im)possíveis e vivências de estudantes na UFMG**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2022.

MEYER, D. E. **Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica**. In: MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. (Orgs). *Metodologias de Pesquisa Pós-Críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 49-63.

SILVA, J. M. S. **Mães adolescentes negras na UFBA: as intersecções entre maternidade, raça, trabalho e ensino**. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SILVA, J. P. de L; PARAÍSO, M. A. **Cartografia para pesquisar currículos e infâncias em dissidências: um exercício experimental de invenção**. *Revista Acta Scientiarium*, v. 45(1), e65889, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3K3Rah4>. Acesso em: 15 mai. 2024.

SOUZA, M. L. de. **Narrativas da, com a e na Educação de Jovens e Adultos**. In: REIS, G; OLIVEIRA, I. B. de; BARONI, B. (Orgs). *Dicionário de Pesquisa Narrativa* [Livro Eletrônico]. Rio de Janeiro, RJ. Ayvu, 2023, 337 p.

TEIXEIRA, M. M.; SOARES, R. R.; COUTO JUNIOR, D. R. **O Brasil no olho do furacão COVID-19: cartografando estratégias ciberativistas de enfrentamento às (necro)políticas experienciadas em tempos de pandemia.** *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 7, n. 22, 2024. Disponível em:<<https://bit.ly/44Qoz8B>>. Acesso em: 19 mai. 2024.

YEDAIDE, M. M.; PORTA, L. **Narrativa como forma de conhecer as experiências do mundo**.  In: REIS, G.; OLIVEIRA, I. B. de; BARONI, B. (Orgs). *Dicionário de Pesquisa Narrativa* [Livro Eletrônico]. Rio de Janeiro, RJ. Ayvu, 2023, 337 p.

1. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista PROEX/CAPES. Orientada pelo Prof. Dr. Dilton Ribeiro do Couto Junior, é vinculada ao Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. [↑](#footnote-ref-1)